

## AS ÁRVORES TÊM RAÍZES, NÓS TEMOS PÉS

*J. A. Fernandes Dias*

*The constant negotiation between the local and the global, the foreign and the familiar, has become a basic condition of modernity. (Jean Fisher, 1992)*

*It remains the contribution of the borderline artists... to perform a poetics of the open border. (Homi K. Bhabha, 1993)*

Mónica de Miranda é uma artista das cidades.

Num tempo de cidades mestiças, que beneficiaram muito da chegada de gentes de múltiplas culturas. Imigrantes? Cosmopolitas? Um olhar acurado às populações imigrantes na cidade do nosso tempo, às suas complexidades e novas oportunidades, permite mostrar várias coisas; uma delas que a contra-posição tradicional entre origem e destino já não parece resultar muito clara nem definitiva. As categorias de imigrante e de cosmopolita sobrepõem-se quando uma parte significativa da cidade metropolitana é formada por pessoas de muito variadas condições e posições, que no seu quotidiano tecem vínculos económicos, sociais e culturais entre mundos diversos. Pelas cabines telefónicas, pelos telemóveis e pela internet circulam amor, dinheiro e negócios, e criam-se redes transnacionais que a conectam com muitos outros pontos do planeta. Por outro lado, as cidades tornaram-se mais heterogéneas, a música e as danças por exemplo enriqueceram-se imenso, o pensamento debruça-se sobre o papel das migrações. Entretanto, os imigrantes também mudam, de modo a que a sua dupla relação entre o país anfitrião e o país natal produz em si e por si mesma uma estética que, por sua vez, contribui para que se produzam mudanças nos países anfitriões e nas suas expressões culturais. Neste projecto, temas abstractos como globalização, migração, identidade múltipla, hibridez cultural, são recontextualizados através de situações reais marcadas e vividas na Grande Lisboa, mapeando o que Mónica chama com muita propriedade uma *Maior Lisboa*.

Para além da exposição, do *Underconstruction* constam o lançamento de um livro com o mesmo título, um ciclo de cinema, conversas, jantares e festas em várias associações, passeios e visitas a bairros, indo assim muito além da já gasta e reconhecida diversidade. O que Mónica de Miranda se propõe é “criar espaço para que os fluxos migratórios e transnacionais sejam vistos como uma realidade diversificada e multi-facetada, como uma plataforma criativa de oportunidades e um lugar de trânsitos para mudanças pessoais, culturais e sociais.” No centro da sua estratégia está o princípio da interculturalidade, que deveria implicar uma promoção sistemática e gradual de espaços e processos de interação positiva, possibilitadora de uma generalização de relações de confiança, de reconhecimento mútuo, de debate, de aprendizagem e de troca. Estratégia de artista, e de criação artística que desde sempre são um lugar privilegiado de captação e animação dessas dimensões, ainda utópicas mas já presentes.

A sua abordagem artística levou-a a perceber, e dar a ver, como grande parte da população imigrante da cidade vive sempre, na Grande Lisboa, para fora do que resta da estrada militar construída para a sua defesa dos invasores franceses no início do século XIX. A “fortaleza Europa” encontra aqui terrenos históricos para se proteger de novas invasões de estrangeiros... Mas também como, mesmo aí nos subúrbios e na margem, ou talvez mesmo por serem margem, estão Em Construção, inacabada e fluxional mais do que definitiva, outras formas de urbanidade, que criam por sua vez redefinições constantes de cultura e identidade.

Os trabalhos com que se inicia e termina o percurso da exposição constituem-se como símbolo de tudo o que está no meio. Quer dizer, como uma espécie de precipitado de fluxos e deslocações múltiplas de pessoas e dimensões culturais. Quando se entra, “Obras Públicas”, uma betoneira, mas uma betoneira camuflada. Máquina de construção por excelência, evoca a actividade mais frequente de um número muito grande dos emigrantes lisboetas. Dentro dela tudo se mexe e se mistura, e ela própria, equipada com rodas, ocupa sempre um espaço temporário, transitório, de construção que se faz. Porém a betoneira

da exposição está totalmente forrada, obscurecendo a máquina, que pôde assim deslocar-se do espaço das obras, camuflar-se no contexto da arte. Forrada por um tecido com um padrão de palmeiras, que no nosso imaginário (mesmo havendo tantas entre nós!) remetem para os lugares de origem dessas pessoas. A última peça que se vê, “Black House”, reforça a ideia de processo. É a construção acabada, mas uma construção transitória. Feita de resto de um material usado nos andaimes das obras em construção.

Ela própria uma migrante, nascida de migrações, quando pensa em migração, Mónica de Miranda faz também um exame minucioso de si própria e dos ambientes por onde vai vivendo, com as suas relações sociais. Que fazem parte do seu processo criativo, marcado pela colaboração e participação do seu círculo pessoal de amigos e familiares, como se vê no vídeo da jornada pela paisagem da velha, e actual, estrada militar. E que se estende a outros colegas criadores, a estudiosos e críticos, como acontece na própria exposição que integra trabalhos de outros autores, colectivos às vezes. Bem como nas restantes actividades que compõem este projecto.

Não sabemos o que será a nossa civilização quando ela realmente encontrar outras civilizações por meios diferentes do choque da conquista e da dominação. Temos que admitir que esse encontro não teve ainda lugar na forma de um diálogo autêntico. Por isso estamos numa espécie de intervalo em que não acreditamos mais no dogmatismo de uma verdade única, e em que ainda não somos capazes de dominar o cepticismo em que caímos. Trabalhos como este de Mónica Miranda podem ajudar-nos a entender esta situação, e, esperemos, a abrir as fronteiras da fortaleza.